

No maior quilombo do Brasil, o futuro da população Kalunga depende de quem sustenta o passado e busca melhorias no horizonte

POR JÚLIA SIRQUEIRA\*

“ Quem cuida de mim? Estou cansada de apenas cuidar da minha comunidade.” A pergunta atravessa o silêncio antes de qualquer resposta. A frase vem da Marta Kalunga, idealizadora da Casa Memória Mulher Kalunga, espaço que todos os dias cuida de outras mulheres, de memórias, de saberes e de um território inteiro. Uma mulher que sustenta, com as próprias mãos, aquilo que mantém viva uma das culturas mais antigas do país.

É dentro da Casa Memória, localizada na rota da **Chapada dos Veadeiros**, que essa pergunta ganha corpo. Ali, o tempo não é linear: ele se mistura entre teares, fotografias, livros, objetos e relatos que atravessam gerações. O espaço está além de um ponto turístico, é um arquivo vivo, construído a partir da experiência de quem sempre existiu, mesmo quando não era reconhecido.

A casa, hoje conhecida por visitantes e pesquisadores, ganhou ainda mais visibilidade após produções audiovisuais e documentários. Mas sua existência não começou com o reconhecimento externo. Durante a pandemia, sem recursos, Marta — responsável pelo espaço — precisou reinventar o próprio trabalho. Foi nesse momento que aprendeu a tecer, literalmente, novas formas de sustento por meio do tear.

O que antes era apenas resistência de um local, virou também criação. A Casa Memória se transformou em um espaço multifuncional: loja de produtos, ponto de encontro cultural, recentemente, também, uma biblioteca quilombola, inspirada por uma professora que levou 38 alunos até o local. Um gesto que ampliou ainda mais o sentido do espaço como território de educação e permanência. O lugar conta com um cinema itinerante, que, por falta de recursos, no seu início, dependeu de projetores cedido pelo Estado. Hoje, após uma rifa, Marta tem o próprio projetor, levando o cinema para outros lugares de Cavalcante. A ideia surgiu após produções audiovisuais feitas na comunidade, às quais a população não tinha acesso.

Mas a pergunta continua ali, atravessando tudo: quem ampara quem sustenta? Porque por trás de cada iniciativa, cada tradição mantida e cada história contada, existe um esforço contínuo que nem sempre encontra apoio suficiente para seguir.



# A cultura quilombola do Cerrado

## Roteiro

A trilha Caminho dos Veadeiros tem seu ponto de início no município de Formosa, passando por Planaltina, Água Fria de Goiás, São João d'Aliança, Alto Paraíso de Goiás, Colinas do Sul e Cavalcante, sendo os quatro últimos parte da Chapada dos Veadeiros.

O território quilombola Kalunga, onde tudo isso acontece, é o maior do Brasil. São cerca de 39 comunidades espalhadas entre os municípios goianos de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, somando mais de 120 famílias, cerca de 8 mil pessoas. Um território que existe há mais de três séculos e que foi construído a partir da fuga, da resistência e da permanência. Atualmente, o terreno conta com cerca de 263 mil hectares, maior que o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, que possui área de 240 mil hectares.

## Território de luta antes do reconhecimento

Antes de qualquer política pública, qualquer decreto ou qualquer reconhecimento institucional, o território